

# OS SENTIDOS DA PALAVRA AUTONOMIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

## LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Kauany Siqueira Barboza<sup>1</sup>  
Vanessa Lopes Ribeiro<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo procura relacionar as experiências desenvolvidas ao longo do curso de Licenciatura em Pedagogia, mais especificamente no componente curricular de “Alfabetização e Letramento”, com elementos que foram observados nos estágios de educação infantil e anos iniciais, tendo destaque, em como a autonomia da criança contribui em seu processo de alfabetização. Este estudo foi realizado a partir de um levantamento bibliográfico que abordasse o termo autonomia no sentido da aprendizagem das crianças, para cotejar com o que, o documento oficial mais recente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe e entende por esse termo e se suas propostas a levam em consideração. Partimos do princípio que a criança constrói sua autonomia através de um trabalho que lhe permite atuar como protagonista de seu processo de aprendizagem. Nesse contexto, sugerimos o trabalho por projetos como estratégia didática para desenvolver a autonomia das crianças enquanto elas constroem seus conhecimentos numa relação permanente de feitura, reflexão e refeitura de todos os processos propostos para uma aprendizagem significativa.

**Palavras-chave:** Autonomia; Alfabetização; Letramento; BNCC; Projetos.

### Introdução

O tema do presente artigo teve origem em minha experiência como estagiária no 1º ano do Ensino Fundamental I de uma escola particular situada na cidade de Curitiba. Parte da turma, formada por 15 crianças, havia cursado a Educação Infantil nessa instituição e já na primeira semana de aula com eles, notei que transitavam

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia do IFPR – Campus Curitiba. E-mail: kauanysiqbarboza@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Tecnologia, Educação e Sociedade, UTFPR. Professora do Instituto Federal de Educação. E-mail: vanessa.ribeiro@ifpr.edu.br

pela sala com muita autonomia em relação à organização do espaço, dos materiais de uso contínuo e na construção e manutenção da rotina. Muito do que observei ilustrava bem como deveria ocorrer a transição de crianças da Educação Infantil para ao Ensino Fundamental 1, sem mudanças abruptas, mais uma continuidade do trabalho do que uma ruptura.

A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa. (BRASIL, 2017, p.53)

Além disso, o encaminhamento das atividades propostas pela docente valorizava práticas de investigação, estimulava as crianças a fazer perguntas, a narrar o que elas já conheciam sobre o assunto, a fazer registros por conta própria e a trabalhar em grupo. Talvez, por isso, as crianças se sentissem tão à vontade para questionar e transitar pela sala sem perder o foco do trabalho. Diante desse contexto, vi a possibilidade de pesquisar o quanto a autonomia de uma criança pode contribuir beneficentemente para o seu processo de alfabetização.

Decorrente disso, algumas questões passaram a povoar minha mente: como trabalhar a autonomia de uma criança; a autonomia dessas crianças teria a ver com a organização do espaço da sala de aula; em que medida as práticas pedagógicas corroboram para o desenvolvimento da autonomia das crianças; quais seriam as práticas mais adequadas para atingir a autonomia intelectual das crianças.

Para Castro:

O termo autonomia, originário do grego, refere-se à faculdade de regência própria (ou autogoverno) da polis; liberdade ou independência moral ou intelectual. Refere-se à propriedade pela qual o homem pretende poder escolher as leis que regem sua conduta; propriedade que, segundo Kant, a vontade tem de encontrar em si própria a lei das suas determinações (Kant fez dela o único princípio da moral). A palavra "autônomo" vem do grego: autos (eu mesmo, si mesmo) e nomos (lei, norma, regra). Aquele que tem o poder para dar a si mesmo a regra, a norma, a lei, é autônomo e goza de autonomia ou liberdade. Autonomia significa autodeterminação (grifos nossos). Quem não tem capacidade racional para a autonomia é heterônomo. Heterônomo vem do grego: hetero (outro) e nomos; receber de um outro a norma, regra ou lei<sup>9</sup>. (CASTRO, 2006, p.4)

Como podemos perceber, quem não tem autonomia não é livre e vive sob a norma alheia. Nesse sentido, quando o desenvolvimento da autonomia na escola não é uma premissa, educa-se para a formação de sujeitos subservientes, obedientes ao outro, para serem oprimidos, no termo freiriano.

Essa palavra também habita os diferentes documentos escolares, que a apresentam como um princípio da instituição, à liberdade do estudante em sala de aula, o fazer sozinho e ao desenvolvimento do pensamento intelectual. Muitas vezes, esse propósito de se desenvolver a autonomia da criança no processo de ensino-aprendizagem é visto como fruto da perspectiva socioconstrutivista muito mal interpretada em solo brasileiro por longos anos.

Soares (2003) aponta que muitas escolas e, conseqüentemente, docentes entenderam a proposta vigotskiana como sinônimo de deixar o aluno sem um ensino sistematizado. Na alfabetização, por exemplo, ao entrar em contato frequentemente com textos, a criança se apropriaria do sistema alfabético e uma hora aprenderia a ler e a escrever por ela mesma, com autonomia. Como consequência disso, tivemos resultados de avaliações governamentais e escolares desastrosas que apontavam para o fracasso no sistema de ensino nessa etapa. Muito desse pensamento é que nos levou ao retrocesso, o de que o método fônico, cientificamente comprovado, anunciado largamente em propaganda do Ministério da Educação em TV aberta, poderia resolver esses problemas.

Parte do que a BNCC apresenta para as séries iniciais do Fundamental 1 prioriza um trabalho fortemente voltado à aquisição do código linguístico com a alfabetização finalizada no 2º ano. Todavia, esse não é, de longe, o nosso maior problema, mas sim a formação de docentes suficientemente qualificados para dar conta de um trabalho tão plural, sem a perigosa dicotomização por um único método, mas com práticas pedagógicas libertadoras, que consigam atender ao que cada criança necessita em sua especificidade para ser alfabetizada de forma significativa.

**Alfabetizar para conquistar autonomia e/ou desenvolver a autonomia para se alfabetizar?**

Em seu clássico *Pedagogia do Oprimido*, especificamente no capítulo 2 "A concepção "bancária" da Educação como instrumento da opressão. Seus Pressupostos, sua crítica", Paulo Freire (2019) já questionava o fato em que o professor como principal ator no contexto da sala de aula, sendo ele quem ensina e a criança quem aprende exclusivamente o que o professor ensina, como pode ser observado no trecho seguinte:

Não é de estranhar, pois, que nesta visão "bancária" da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. (FREIRE, 2019, p.83)

A essa relação Freire intitulou de Educação Bancária, em que o professor deposita informação nos alunos sem levar em consideração seus conhecimentos prévios, seu contexto de vida e aspectos culturais. O autor ressalta que a fixação, a memorização e a repetição são demonstrações de uma educação que não se preocupa com a aprendizagem libertadora do aluno, mas de uma aprendizagem mecânica em que o professor está no centro da sala e como autoridade máxima faz do aluno um ser de ajustes e não de críticas.

A sua "domesticação" e a da realidade, da qual se lhes fala como algo estático, pode despertá-los como contradição de si mesmos e da realidade. De si mesmos, ao se descobrirem, por experiência existencial, em um modo de ser inconciliável com a sua vocação de humanizar-se. Da realidade, ao perceberem-na em suas relações com ela, como devenir constante. (FREIRE, 2019, p.85)

Para Freire (1996), a palavra autonomia se revela em sua obra em como o professor deve colocar em prática a sua docência, através da sua relação com o aluno, que deve ser o protagonista da sua aprendizagem. O autor ainda aponta que o desenvolvimento da autonomia do estudante pode ocorrer a partir das práticas pedagógicas adotadas pelo professor na rotina diária escolar. Para Freire, "*A autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser*" (1996, p.105). Diferentemente do que se imagina, a autonomia a que nos referimos aqui vai além do fato de uma criança conseguir amarrar seus sapatos sozinha, estamos abordando um sentido de autonomia relacionado ao desenvolvimento do senso crítico, que por sua vez também está relacionado ao respeito e ao diálogo.

Tendo em vista esses aspectos conceituais, buscamos na BNCC como esse termo é tratado:

Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo. Como destacam as DCN, a maior desenvoltura e a maior **autonomia** nos movimentos e deslocamentos ampliam suas interações com o espaço; a relação com múltiplas linguagens, incluindo os usos sociais da escrita e da matemática, permite a participação no mundo letrado e a construção de novas aprendizagens, na escola e para além dela; a afirmação de sua identidade em relação ao coletivo no qual se inserem resulta em formas mais ativas de se relacionarem com esse coletivo e com as normas que regem as relações entre as pessoas dentro e fora da escola, pelo reconhecimento de suas potencialidades e pelo acolhimento e pela valorização das diferenças. (BRASIL, 2017, p. 58)

Como podemos perceber, o sentido de autonomia no trecho acima está mais vinculado ao aspecto físico de movimentação, de liberdade, no fato de a criança poder se deslocar no ambiente da escola para obter contato com os diferentes espaços. Não há uma preocupação com as relações atreladas a uma autonomia construída através de atividades, interações sociais, práticas, como uma autonomia intelectual, em que as crianças estejam, de fato, como sujeitos do seu próprio processo de aprendizagem. Outro aspecto que nos chamou a atenção foi a BNCC apontar que a partir da escrita e da leitura é que a criança desenvolve a autonomia:

No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, os componentes curriculares tematizam diversas práticas, considerando especialmente aquelas relativas às culturas infantis tradicionais e contemporâneas. Nesse conjunto de práticas, nos dois primeiros anos desse segmento, o processo de alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica. Afinal, aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior **autonomia** e protagonismo na vida social. (BRASIL, 2017, p.63)

Em consulta rápida a esse documento, verificamos que das 86 vezes em que aparece a palavra autonomia, seis delas estão inseridas no capítulo referente às séries iniciais do Ensino Fundamental 1, e destas seis, quatro compõem o texto sobre as habilidades, e outras três vezes no capítulo “Introdução” do documento. Para além dessa preocupação quantitativa, adiante, apresentaremos uma análise qualitativa desse levantamento em que os sentidos da palavra autonomia em algumas situações corroboram com nossa hipótese e em outras apresentam a necessidade de serem melhor explicitadas. Segue:

TRECHOS	LOCALIZAÇÃO
“(EF12LP04) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor ou já com certa <b>autonomia</b> , listas, agendas, calendários, avisos, convites, receitas, instruções de montagem (digitais ou impressos), dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade.” (grifos nossos)	4.1.1.1. LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS: PRÁTICAS DE LINGUAGEM, OBJETOS DE CONHECIMENTO E HABILIDADES página 103
“(EF02LP12) Ler e compreender com certa <b>autonomia</b> cantigas, letras de canção, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade.” (grifos nossos)	LÍNGUA PORTUGUESA – 1º E 2º ANOS (Continuação) página 103
“(EF02LP23) Planejar e produzir, com certa <b>autonomia</b> , pequenos registros de observação de resultados de pesquisa, coerentes com um tema investigado.” (grifos nossos)	LÍNGUA PORTUGUESA – 1º E 2º ANOS (Continuação) página 109
“(EF02LP26) Ler e compreender, com certa <b>autonomia</b> , textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura.” (grifos nossos)	LÍNGUA PORTUGUESA – 1º E 2º ANOS (Continuação) página 111

Tabela elaborada pela autora.

É importante observar que os termos “autonomia” presentes acima apresentam o mesmo sentido, o de fazer sozinho. Alcançar a autonomia nesses termos seria o último nível de uma avaliação, sendo o primeiro “em colaboração” e o segundo “com ajuda” até atingir a meta final. O que buscamos entender e enfatizar é como ou por meio de quais práticas pedagógicas é possível impulsionar as crianças ao desenvolvimento da autonomia em seu processo de aprendizagem. O mesmo questionamento serve ao excerto seguinte, retirado da introdução do documento:

Agir pessoal e coletivamente com **autonomia**, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2017, p. 10)

Como se desenvolve e se delega autonomia às crianças no contexto escolar? O desenvolvimento da autonomia depende das relações dialógicas. Uma perspectiva de linguagem monológica de trabalho com a língua em sala de aula reafirma a dependência das crianças ao pensamento alheio, já pronto. No entanto, numa perspectiva dialógica, por isso no trecho seguinte há o sentido de autonomia que mais se aproxima daquele que consideramos crucial para o contexto de alfabetização:

Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a progressão do conhecimento ocorre pela consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tanto seus interesses e suas expectativas quanto o que ainda precisam aprender. Ampliam-se a **autonomia** intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente. (BRASIL, 2017, p. 59)

O texto acima aponta que a criança não é um tábula rasa, ou seja, ela chega na escola ou a cada etapa escolar com conhecimento, mas que precisa ser ampliado, aprofundamento, inclusive, conforme seus interesses e expectativas. Levando-se em consideração essa dialogia é que ocorre o desenvolvimento da autonomia intelectual, mas esse desenvolvimento precisa estar articulado a práticas pedagógicas sistematizadas para esse fim.

Magda Soares (2003), embora não utilize o termo autonomia, advoga um conceito de alfabetização atrelado ao letramento, que prevê um trabalho voltado para as práticas sociais, conforme segue:

A alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita. (SOARES, 2003, p.64)

Para a autora, alfabetização e letramento são termos indissociáveis, e que a criança deve sim aprender o sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, mas em contexto de letramento e por meio de interação com material escrito real.

### **Por que alfabetizar em contexto de letramento?**

Para iniciar uma discussão acerca da alfabetização em contexto de letramento, precisamos destacar aqui o que o documento oficial mais recente prevê sobre a alfabetização. Segundo a BNCC:

Dominar o sistema de escrita do português do Brasil não é uma tarefa tão simples: trata-se de um processo de construção de habilidades e capacidades de análise e de transcodificação linguística. (BRASIL, 2017, p. 90)

Consideramos que ensinar esse domínio do sistema de escrita também não é uma tarefa tão simples assim quando se objetiva construir habilidades e capacidades de análise e de transcodificação linguística. Com uma proposta

pedagógica cujo docente é o único sujeito ativo no processo, sem estimular a autonomia intelectual da criança, nada disso será possível. Infelizmente, boa parte das escolas brasileiras ainda se apegam à perspectiva associacionista de ensino, no qual a criança recebe a informação pronta e, no caso da alfabetização, ela é submetida a atividades que implicam em conhecimentos prévios que ainda não foram construídos por ela. Como resultado, colhemos fracassos no campo da alfabetização, indicado em pesquisa pela Todos pela Educação com dados do IBGE<sup>3</sup>.

A codificação e a decodificação para Magda Soares (2003) remete ao conceito de tradicional, quando o sistema de ensino não busca enxergar a realidade do aluno. Segundo a pesquisadora, esses processos revelam “O aprender a ler como decodificação e a escrever como codificação” (SOARES, 2003, p.45), e propõe uma imersão das crianças na cultura da escrita, com participação em experiências várias de leitura e de escrita, além da interação com diferentes gêneros textuais.

Para o Estado, a prioridade é alfabetizar e não tornar alguém alfabetizado. Essa educação é cercada de regras, técnicas, tradicionalismo e, com isso, faz do aluno um sujeito submisso, ela é firmada em questões ideológicas e políticas que atendem à lógica do capital. Esse processo de alfabetização ainda encontra dificuldades para completar o seu percurso, devido à excessiva preocupação do professor com o método, que por sua vez não beneficia o aluno com uma alfabetização de qualidade.

Nessa perspectiva, o problema da qualidade da alfabetização é enfrentado através de propostas de intervenção que visem atuar sobre esses fatores, tais como mudanças curriculares; substituição de métodos de alfabetização em uso para outras alternativas metodológicas; atribuição ao sistema escolar, de serviços que enfrentam os fatores extracurriculares - alimentação, atendimento à saúde, à higiene etc.; distribuição de material didática às escolas; programas de formação e aperfeiçoamento de alfabetizadores etc. (SOARES, 2003, p.53)

Essa proposição da autora, principalmente quando ela aponta por buscas de alternativas metodológicas, nada tem a ver com a busca por método de alfabetização. O que Soares advoga é a alfabetização que considere o contexto de

---

<sup>3</sup> Retirado do site:

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/02/08/numero-de-criancas-que-nao-aprenderam-a-ler-e-escrever-aula-menta-na-pandemia-aponta-levantamento.ghtml>



letramento, um processo que tem como objetivo a habilidade de ler e escrever através de práticas sociais. Para alfabetizar em contexto de letramento é preciso levar para a vida do indivíduo a construção de experiências e saberes.

O processo de alfabetização, portanto, é essencial na vida de qualquer sujeito, quando esse processo se inicia nos Anos Iniciais é fundamental que seja uma etapa cheia de aprendizagens, criatividade e estímulos para que o aluno venha a ter interesse pela construção de seus conhecimentos. Para que alguém seja alfabetizado, é necessário entendermos que esse processo terá desafios. Estimular o aluno é importante para que ele possa criar, construir, imaginar, pensar e agir.

O estudante precisa ser o protagonista da sua aprendizagem, e nos Anos Iniciais devemos enxergar o quanto é relevante para ele aprender a ser autônomo. É necessário levar para as aulas atividades que possam proporcionar experiências. A autodeterminação da criança é construída através de uma relação entre o professor e aluno, e ela deve haver uma transformação na vida dele. Essa transformação busca mostrar que o estudante consegue atingir seus objetivos. Autonomia não significa tão-somente ser independente, mas ser determinado, é conseguir construir uma aprendizagem libertadora e deixar de lado o opressor e de ser oprimido.

### **Projetos de Trabalho como alternativa ao desenvolvimento da autonomia da criança em processo de alfabetização.**

Investir na autonomia da criança como algo fundamental para o processo da sua aprendizagem não é uma tarefa tão simples assim, quando até mesmo documentos oficiais apontam para autonomia como algo que se adquire apenas depois que uma aprendizagem que já se consolidou. Como vimos, na BNCC, após a aquisição da leitura e da escrita é que a criança se torna autônoma. Mas será que o êxito desse processo não está justamente no investimento contínuo da autonomia ao longo da aprendizagem da criança? Defendemos o argumento de que a autonomia deve ser construída na rotina escolar. Não faz sentido, repentinamente, brotar a autonomia na criança apenas quando se torna leitora e escritora, pois dela depende o sucesso na alfabetização. Tendo em vista essas questões,

apresentaremos na sequência algumas discussões importantes para a organização de um trabalho dessa natureza no ambiente escolar.

O autor Hernández (1998) revela que trabalhar com projetos é uma forma através da qual podemos dialogar com as crianças, verificar o que elas já sabem sobre o tema e o que mais querem descobrir.

Diante de um Projeto de trabalho, o realmente importante não é o que a professora faz, e sim o processo de tomada de decisões que realiza quando escolhe alguns materiais e não outros, quando espera um resultado frente a outro também possível, quando se propõe alguns objetivos entre uma multiplicidade. (HERNÁNDEZ, 1998, p.106)

Um trabalho com projetos possibilita a tomada de decisões no coletivo, a ouvir o outro, a falar para ser ouvido, a descobrir possibilidades variadas de fontes de pesquisa e a organizá-las para posterior divulgação em diferentes gêneros textuais escritos ou até mesmo sob mecanismos da linguagem oral.

A efeito de exemplo, o autor apresenta um projeto realizado em uma escola. Um projeto feito entre os anos de 1987 a 1988 com uma turma de segunda série do ensino fundamental, e que teve como ponto de partida a escolha do tema pelos alunos. Com isso, fez-se necessário propor temas que fossem concretos, que buscassem ter sentido para os estudantes. Para Hernández (1998), os projetos quando trabalhados com a turma devem ter objetivos, eles precisam ter relação com a compreensão prévia da turma, além disso, com os projetos que já foram construídos, pois eles trazem a imersão do aluno com o que será trabalhado.

Questionar e investigar são uns dos processos citados para a aprendizagem do aluno através do trabalho por Projetos, eles podem trazer o estímulo aos alunos a quererem buscar possíveis respostas.

Mas em qualquer caso, seu interesse se situa em que “despertem o desejo de saber” por parte do aluno, lhe fixa uma meta, lhe propõe um problema para resolver. (HERNÁNDEZ, 1998, p.110)

Hernández demonstra através dos projetos que o aluno desperta o desejo em querer saber mais, pois é através de perguntas, questionamentos e dúvidas que o leva a buscar respostas para que assim se conecte com os interesses da turma. Ao escolher o tema “o deserto” com a turma do 2ª série, mostrou que os interesses da turma foram mediante a vontade que eles tinham em conhecer o mundo, e além dele. Ele relata ainda que o trabalho por projetos é tomado por decisões coletivas, quando decidido sobre o tema, a turma teve como ponto de partida a opinião de

cada aluno. A partir disso, no momento em que os alunos levantam dúvidas, ou quando levantada uma pergunta pela professora, a turma compartilha de diversas respostas diferentes, no qual, também conseguimos enxergar o trabalho coletivo.

Esse processo de tomada de decisões, de descobertas dos alunos e da professora se fecha com uma reflexão desta sobre o sentido do Projeto: por que o deserto é um tema que possa interessar a alguns alunos da segunda série? A resposta que a professora apresenta é que essa série se caracteriza por ser uma época em que a criança se abre para o mundo exterior, quer saber o que há além dos limites de sua cotidianidade. (HERNÁNDEZ, 1998, p.113)

A finalização de um projeto traz diferentes formas de resultados, como por exemplo, a variedade de perguntas feitas pelo grupo, e, com isso, são levantadas diversas informações referentes ao tema trabalhado. Os projetos levam o trabalho com a coletividade da turma, pois partem do princípio de chegarem juntos ao resultado que terão dele, gerando a cooperatividade.

Para Jolibert (1994), formar crianças leitoras é entender que cada uma tem seu tempo, e o papel do professor é o de fornecer caminhos para que ocorra essa formação, de tal forma que atenda a uma alfabetização acolhedora. Quando as crianças estão aprendendo a ler é muito comum que fiquem presas ao professor quando tem alguma dúvida.

Numa situação em que elas estão conhecendo as vogais e as consoantes, é possível que muitos confundam os sons entre a letra i e y, ou, quando estão aprendendo os sons de sílabas: BA e TA. Elas podem achar que são iguais, e quando o professor as auxilia a investigar a resposta é muito importante que ele as estimule a resolver, a criar hipóteses, e não a resolver para ele. É significativo que nesse momento o aluno veja que a leitura e a escrita fazem parte de um processo de aprendizagem em permanente construção, que requer elaboração de hipóteses, e a elaborar hipóteses é desenvolver autonomia intelectual. Além disso, ao aprendermos a ler de forma significativa, conseguimos enxergar o mundo de outra forma. Conseguimos ser independentes, uma sensação de conquista após ter tentado ler uma placa ou um cartaz e depois ser capazes de ler sozinhos. O protagonismo do aluno fará com que ele possa ser capaz de construir sua autonomia.

Para Jolibert (1994), o aluno deve ser ativo, e cada um possui seu próprio desenvolvimento, e ele se dará no tempo de si mesmo. A autonomia nessa fase é

muito importante, pois ela será como âncora, auxiliando na aprendizagem do aluno. Provocar problematizações e possibilidades é fazer com que o aluno busque a investigar e, para a leitura, não é diferente quando, por exemplo, a utilização do alfabeto móvel, através da solicitação do professor, o aluno irá ouvir uma palavra, e diante dessa problematização, ele irá criar uma possibilidade de escrita e, em seguida, irá investigar para a leitura da palavra. Em outro caso, quando uma criança se interessa pela leitura de livros, ela pega uma história e primeiro observará as imagens, essas imagens fazem com que ela tenha uma leitura de textos não verbais.

Ler é ler escritos reais, que vão desde um nome de rua numa placa até um livro passando por um cartaz, uma embalagem, um jornal, um panfleto, etc., no momento em que se precisa realmente deles numa determinada situação de vida, “para valer” como dizem as crianças. É lendo de verdade, desde o início, que alguém se torna leitor e não aprendendo primeiro a ler. (JOLIBERT, 1994, p. 15)

Quando reflito sobre a minha formação com a leitura, recordo-me de várias vezes quando saía para passear e costumava observar as placas e *outdoors*, e mesmo não sabendo ler, aconteciam tentativas e elas me traziam o desejo de querer saber o que estava escrito e as imagens me auxiliavam a deduzir sobre o que era. Para Jolibert (1994), o professor é o facilitador do processo de aprendizagem, é ele quem ajuda o aluno a se tornar um leitor, e para que isso se conclua o aluno deve ser ativo, sendo o principal agente para sua aprendizagem.

Durante o processo de aprendizagem também observamos a cooperatividade da sala de aula, e como vimos anteriormente sobre os projetos para Hernández (1998) é ela que auxilia na relação entre a vivência e a coletividade, com isso, fazemos um parâmetro relacionado ao que Jolibert (1994) relata que:

A vida cooperativa da sala de aula, e da escola, e a propriedade conferida à prática da elaboração e condução de projetos explicitamente definidos juntos permitem, de uma maneira exemplar, que a criança viva seus processos autônomos de aprendizado e se insere num grupo e num meio considerados como estrutura que estimula, que exige, que valoriza, que provoca contradições e conflitos e que cria responsabilidades. (JOLIBERT, 1994, p. 20)

Para que a criança viva seus processos autônomos, sugerimos que dentro da sala de aula e da escola sejam desenvolvidos projetos. Jolibert (1994) revela que a pedagogia por projetos permite:

Viver numa escola alicerçada no real, aberta a múltiplas relações com o exterior: nela a criança trabalha “para valer” e dispõe dos meios para afirmar-se. (JOLIBERT, 1998, p. 21)

Os projetos para a autora contribuem para o aprendizado da leitura e da escrita, pois eles dão um caminho a ser seguido durante as atividades, que deixam de ser fragmentadas e dão espaço para as práticas sociais.

Segundo Lerner (2002) é um desafio ensinar a ler e escrever, porque os professores são colocados dentro de uma cultura de escrita, mas é necessário que aqueles que aprendem, usem essa ferramenta não como uma apropriação, mas como resolução dos problemas, busca de informação, compreensão e interpretação de textos, entre outras coisas que são importantes para a formação escolar.

Lerner (2002) ainda nos diz que o trabalho em grupo proporciona ao aluno, que venha abrir novos caminhos para responder problemáticas apresentadas pelo processo de aprendizagem. Quando incentivamos esse trabalho em grupo, vemos que o aluno adquire uma organização para resolver desafios.

O trabalho por projetos permite, realmente, que todos os integrantes da classe - e não só o professor - orientem suas ações para o cumprimento de uma finalidade compartilhada: gravar uma fita de poemas para enviar a outras crianças ou para fazer um programa de rádio dá sentido ao aperfeiçoamento da leitura em voz alta. (LERNER, 2002, p.22)

Além disso, é possível ver o desenvolvimento do aluno quando se cria uma rotina entre o tempo e o saber, no processo de alfabetização observamos alunos com certa dificuldade para ser alfabetizado, uns estão mais adiantados e outros nem tanto, o que nos mostra que cada aluno tem seu tempo. Com isso, é possível colocar em prática a leitura do aluno.

Por outro lado, a organização por projetos permite resolver outras dificuldades; favorece o desenvolvimento de estratégias de autocontrole da leitura e da escrita por parte dos alunos e abre as portas da classe para uma nova relação entre o tempo e o saber. (LERNER, 2002, p. 22)

Lerner retrata que a organização por projetos desenvolve uma orientação compartilhada, por isso, coloca em prática a leitura do aluno, fazendo com que haja uma valorização durante as aulas para que o aluno perceba por si só, criando autonomia, através da leitura. A autora ainda aponta que a organização por projeto permite um desenvolvimento, sendo que esse desenvolvimento da leitura e da escrita abre portas da classe. Colocar o aluno como o protagonista da sua aprendizagem é de extrema importância, pois estaremos conectando o aluno com a

autonomia e ela é muito importante, pois, nesse momento o aluno verá que a leitura é um processo de aprendizagem através da autonomia de pensamento. Entretanto, se o estudante desconhece para onde navega o barco, ele não poderá se contrapor ao parcelamento do tempo e do saber.

### **Considerações finais**

Sabemos que o processo de alfabetização é uma construção diária entre o professor e o aluno, e essa relação precisa ser mútua, deixando de lado a Educação Bancária, citada por Freire (2019), na qual o professor apenas deposita informações. Além disso, investir em um único método ou preocupar-se em encontrar um, no caso da BNCC, o fônico como a melhor forma de se alfabetizar uma criança pode levar a resultados desastrosos, sobretudo na alfabetização das crianças de classes mais populares. Soares (2003) nos mostrou que a sua utilização não favorece a aprendizagem, e a BNCC (2017) que nos revelou que a autonomia é alcançada somente quando o aluno aprende a ler e escrever é um tremendo engodo.

O trabalho por projetos estimula a autonomia pessoal, e no coletivo, segundo Hernández (1998) é uma forma de contribuir para a alfabetização, pois faz com que a criança investigue e questione situações para alcançar respostas referente ao tema do projeto. Nesse processo a criança terá contato com textos diversos, verbais e não-verbais. Além disso, os projetos também auxiliam na alfabetização porque promovem a organização do aluno, tanto do espaço em seu entorno quanto das ideias, de suas estratégias para a leitura e para a escrita, com estímulo do professor mediador, que faz intervenções pontuais para garantir o avanço de cada criança. *“Ser **autônomo** e saber que, apesar das multiplicidade das ajudas, ninguém pode percorrer o caminho em nosso lugar.”* (JOLIBERT, 1998, p.23).

Além disso, é preciso também reforçar que cada momento da aprendizagem do aluno, seja como ir ao banheiro, amarrar o cadarço e organizar seus materiais, são atitudes do dia a dia que fazem diferença para o seu desenvolvimento intelectual, e esses momentos estão em sintonia com a construção da aprendizagem. O ato de não depender de professores em tarefas do dia a dia ou dos pais em casa demonstra o quanto é possível que a autonomia seja intrínseca ao

ato de alfabetizar e se alfabetizar, do ensino-aprendizagem. Quando olhamos para nós mesmos e agimos com autonomia, podemos ir além do que imaginamos.

A autonomia observada no estágio, mostrou que os alunos estão frequentemente construindo a aprendizagem através da rotina e as atividades os envolvem como protagonistas. Durante meu estágio muito do que eu observei, foi que as crianças elas querem participar, querem ser ativas, como por exemplo, por serem uma turma do integral e ficarem o dia todo na escola, elas buscam cuidar da sua organização, manter os combinados com as professoras e durante as atividades levam questionamentos e dúvidas em sala de aula. O 1º ano do Ensino Fundamental I é uma fase em que eles estarão ainda mais curiosos, eles querem saber e querem conhecer mais e a investigar também.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MANZINI, Ana Luisa. **O desenvolvimento da criatividade e da autonomia na escola: o que nos dizem Piaget e Vygotsky**. Rev. Psicopedagogia 2006; 23 (70): 49-61. Disponível em : <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v23n70/v23n70a06.pdf>

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo, Contexto, 2003.

